Belo Horizonte — DIÁRIO DA TARDE — 20-6-80

Calógeras

Os Cem Anos de um Homem

Cem anos atrás, no dia 19 de junho de 1870, nascia um carioca com coração de mineiro. Era João Pandiá Calógeras, a quem a 3.ª Seção vai homenagear com uma série de depoimentos, alguns dos quais, como o de Assis Chateaubriand, publicados após a morte do grande engenheiro, em 21 de abril de 1934.

A duzentos quilômetros da metrópole paulista, no interior de uma fazenda, às onze e quarenta da noite, de sábado, um telefonema angustioso de Silva Melo me anunciava a morte de Calógeras. Na última vez em que estive no Rio, sexta-feira última, fui em companhia do meu caro amigo e companheiro F. A. Barbeira de Melo visitar Calógeras. O seu apartamento de Paissandú estava deserto. O porteiro do imóvel nos avisou que êle permanecia em Petrópolis, continuando a casa do Rio vazia. Procurei comunicar-me com amigos comuns e soube que o seu estado piorava. Contava, no meu regresso ao Rio, ir vê-lo em Petrópolis, quando a notícia de seu desaparecimento veio apanhar-me em Araraí. Silva Melo era seu médico e seu amigo.

Levei-o uma noite com Miguel Osório, há quatorze anos, a jantarmos naquele 422, da rua Voluntários da Pátria. Calógeras ocupava a pasta da Guerra, e até discutimos, os quatro, Miguel Osório, Silva Melo, êle e eu, com tanta liberdade, que ao saírmos, os dois me perguntaram se estávamos em um seminário, tipo das universidades americanas e alemãs, ou na residência de um político brasileiro. O famoso clínico, que é hoje Silva Melo, se ligou desde então a Calógeras por uma afeição particular que só a morte veio interromper.

Com Calógeras o problema não era saber o que êle sabia, mas antes o que êle não sabia. A sua cultura transbordava de duas ou três enciclopédias. Muitas vêzes la ter a sua residência e pedir-lhe que estudasse êste ou aquêle problema administrativo para os "Diários Associados". Mais de noventa e oito por cento das vêzes, dava-me as soluções a queima roupa, sem pestanejar, tais os estudos anteriores, a que se dedicara, das mais transcedentes como as mais simples questões da realidade brasileira. As suas relações, para um conductor de opinião, eram as mais preciosas, porque não era possível ser mais leal e competente. Acredito que apenas numa questão discutiu de Calógeras. Foi na conferência que êle fêz aqui em São Paulo, abordando a solução do problema da metalurgia do aço. Ligado por vínculos fraternais a dois ou três homens da imprensa, em São Paulo a Júlio Mesquita Filho e Plínio Barreto e no Rio a "O Jornal", a grande maioria dos indivíduos da nossa classe êle escorraçava do seu grêmio. Nunca vi homem público tão corajoso, tão intrépido no seu desdém pelo jornalismo venal, pela baixa imprensa de chantagem, e de escândalo do Rio de Janeiro. Houve um instante em que quase tôda a imprensa carioca o invectivava, arrastando-lhe o nome na vasa dos insultos mais abomináveis. Aquilo que para outros seria um calvário, para êle era uma redenção. "De quanta gente ruim, dizia-me, já em 1917, vi livre o meu gabinete?". Era olímpico no seu desprêzo. Não lia e não respondia as diatribes que lhe eram assacadas, nem dava a honra de odiar os escribas imundos, que o insultavam. Defendendo os dinheiros públicos com uma ferocidade exemplar, como ministro da Agricultura, da Fazenda e da Guerra, não matou a sêde com um niquel, nem com cem contos dos beiços ávidos do jornalismo de aluguel do Rio. Com essa inquebrantabilidade de caráter, viveu e morreu.

Estas breves linhas de saudade, não comportam nenhum estudo crítico da obra literária, principalmente a de historiador e de economista, com que Calógeras enriqueceu o patrimônio intelectual da Nação. O iminente homem público pensara sempre converter os bisonhos políticos indígenas a uma compreensão dos nossos problemas, que os tornasse colaboradores úteis ao progresso do País. Dava-lhes elementos sadios para que os digerissem e assimilassem, guardando-se de lhes proporcionar qualquer coisa susceptível de perturbar o equilíbrio coletivo. Quando baluartou o Estado Federal com um exército superiormente equipado, para os nossos recursos de então (e em nossa linha da batalha apenas a artilharia não teve a solução, de que procurou dotá-la) o seu objetivo capital consistia no fortalecimento da organização que aos olhos de todos os patricias é o fator máximo da unidade brasileira.

Por aí explica o drama de sua existência, na revolta da Escola Militar em 1922. Ninguém sofreu tanto, naqueles dias lancinantes, quanto o secretário da Guerra da presidência Epitácio Pessoa.

Eu estava a seu lado, quando êle deu a ordem de ataque contra o Forte de Copacabana: Assisti à conversa que teve pelo telefone, com o major Euclides Hermes da Fonseca, comandante daquela praça, como antes visitara consigo os soldados mortos no Forte do Vigia pela explosão de uma granada ali despejada dos canhões de Copacabana. Não seria nunca uma alma vulgar, o homem que cumpriu êsse cruel dever de chefe em momento único da sua carreira. O exército nôvo era a sua mais bela obra, a parte mais sensível do seu coração e dos seus lábios é que deveriam partir as ordens de destruição da mocidade militar, a quem tanto amava. Num instante, ao saírmos do automóvel do Forte do Vigia, o coronel Malan D'Angrogne, o capitão Cestro e Silva, Calógeras e o redator destas linhas, pude perceber o desapêgo da vida, de que êle estava possuido. Eram dez horas da manhã: o Vigia fôra bombardeado e mais duas granadas tinham sido arremessadas contra a cidade, sendo uma sôbre o Ministério da Guerra, que atingiu as instalações da Light. O motorista do seu automóvel rumou pela praia como quem ia até o forte sublevado. Ao chegar à rua Figueiredo Magalhães, o coronel Malan o advertiu da imprudência daquela passagem pela avenida Atlântica, afrontando uma guarnição revoltada, cujas disposições contra o Ministério da Guerra já se traduziam por duas granadas contra êle despejadas havia poucos momentos. Calógeras olhou-o com a expressão vaga de um homem para quem a vida nada mais significava naquela hora trágica e respondeu-lhe simplesmente: "Vamos por onde você quiser". E atingimos até a rua Barcelos pela rua Copacabana, onde Paulo Castro Maia e o tenente Miguel Chaves nos trouxeram as últimas notícias da oficialidade da guarnição do forte.

Êste homem conservou até a morte o privilégio de construir. Tudo o que em nosso exército existe de organizado, de disciplinado, de técnica e doutrinariamente moderno data da sua passagem pela pasta da Guerra. Era um chefe na melhor acepção da palavra. Há doze anos convidou-me para acompanhá-lo em uma inspeção às guarnições do Estado de São Paulo. Viajamos juntos dez dias, dormindo dentro de trens, acordando pela madrugada, para excursões que pareciam não acabar mais. Durante essa inspeção, o que nos impressionava era a atenção que Calógeras dava aos problemas aparentemente mais destituídos de importância, das unidades que visitava. Reunia comandantes, oficiais, e com êles debatia as providências que interessavam à segurança da tropa, em eficiência e bem-estar. Não me foi possível segui-lo nas outras duas inspecções, que fêz ao Rio Grande e a Mato Grosso. Lembro-me que êle excomungava a massa falida do Banco Francês para o Brasil, da qual era eu um dos advogados, por me prender naquele tempo no Rio, a ponto de obstar as duas viagens a Mato Grosso e ao Rio Grande, na sua companhia. Calógeras deu a Mato Grosso tôda a grave importância que êsse grande Estado deve possuir, como uma das chaves da defesa nacional. A Campanha do Paraguai, tendo sido uma tremenda lição, contudo, ficou inaproveitada até a presença de Calógeras na pasta da Guerra. Pode dizer-se que Mato Grosso foi incorporado pela sua mão robusta ao quadro da defesa militar do País. As guarnições matogrosenses não tinham quase nenhuma expressão, tão abandonado, tão desprezado era êste setor por todos os ministros da Guerra que o precederam. Quem quiser sentir o que vale hoje Mato Grosso dentro dos quadros do Exército, bastará ler os trabalhos do general Malan D'Angrogne na "Defesa Nacional". Fiz publicar em uma das revistas dos "Diários Associados", "O Cruzeiro", há cinco anos, a documentação dêste admirável esfôrço integrador do "hinterland" matogrosense no plano de coordenação da defesa armada do País. Calógeras foi o primeiro e talvez o único a enxergar a significação de Mato Grosso dentro do exército do Brasil.

Perdemos o nosso mais consumado, mais completo tipo de homem público. Ninguém, entre nós, reúne o conjunto das qualidades de eleição para o serviço de mentalidade a noção do dever público, elevada a uma altitude poucas vêzes atingida no Brasil. A graça, esquisita dêsta personalidade de escol era que não sendo militar, êle ostentava num meio político de aventureiros, e de bonifrates cretinos, a elegância das virtudes das armas: a retidão das opiniões próprias, o brio profissional, inclusive a mística do patriotismo.

Pequena biografia de uma grande figura

João Pandiá Calógeras nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 19 de junho de 1870. Era o filho de Michel Calógeras e D. Júlia Ralli Calógeras. Não frequentou escolas e ginásios particulares. Foi educado pelos avós e por professores alemães. Aos 14 anos fêz, no Ginásio Pedro II do Rio de Janeiro, todos os exames preparatórios de uma só vez, com extraordinário brilhantismo. Foi examinado em História por Capistrano de Abreu, que se tornou, desde então, seu amigo.

Formou-se com distinção na Escola de Minas de Ouro Prêto, aos 20 anos de idade, em 1890, alcançando o prêmio de viagem à Europa, que não utilizou.

Casou-se, aos 15 de abril de 1891, com Elisa Guimarães, filha do desembargador Joaquim Caetano da Silva Guimarães, que foi ministro do Superior Tribunal de Justiça e irmão do ilustre romancista Bernardo Guimarães.

Em 1891 foi nomeado engenheiro do Estado, fixando-se na cidade de Uberaba, onde promove a demarcação das principais fazendas dêsse município. Em 1895 é nomeado pelo sr. Francisco Sá consultor técnico da Secretaria da Agricultura em um período de grandes reformas.

Em 1897 é eleito deputado federal por Minas Gerais, não tendo sido reeleito para a legislatura seguinte. Em 1900, é diretor da Mineração de Manganês do Bananal. Em 1903 é novamente eleito deputado federal por Minas, tendo sempre o seu mandato renovado até 1914. Era considerado uma das principais figuras do Parlamento brasileiro. Discutiu com raro fulgor todos os orçamentos e as principais questões que se agitaram em seu tempo, como as referentes à valorização do café, Caixa de Conversão, Reforma Tributária, Transportes, limites, Instrução Pública e Mineração.

Delegado à Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro (1906) e de Buenos Aires (1910). Ministro da Agricultura (1914 e 1915) e Ministro da Fazenda (1915 e 1917). Presidente da Delegação brasileira à Conferência Financeira Pan-Americana, de Buenos Aires, em 1916. Delegado do Brasil e depois Presidente da Delegação brasileira à Conferência da Paz, em Versalles, em 1918. Chefe da Missão Comercial Brasileira à Inglaterra, em 1919. Ministro da Guerra (19 de setembro de 1919 a 15 de novembro de 1922). Afastado da política militante, desde então, Calógeras emprega a sua atividade como jornalista e industrial. Presidente da Companhia Nacional de Artefatos de cobre (1923-1929).

De 1926 a 1930, desenvolve prodigosa atividade intelectual, proferindo conferências de caráter científico e escrevendo os seus melhores livros, como "Política Exterior do Império", "Problemas de Govêrno", "Rés Nostra e Formação Histórica do Brasil". É eleito Presidente da Sociedade Brasileira de Engenheiros (1928 e 1929). Em 1931, é designado pelo Govêrno da República para relator do projeto sôbre Legislação de Minas, nas Comissões Legislativas (1931). Convidado pelo Govêrno Mineiro, em 1931, estuda a reforma do sistema tributário de Minas Gerais. Presidente da Liga Eleitoral Católica (1932). Presidente do Conselho do Mackenzie College (1933). Em 1933, é eleito deputado à Assembléia Constituinte.

Foi grande oficial da Legião de Honra, da França; Grãs-Cruzes da Ordem da Coroa, da Bélgica, da Ordem de Cristo, de Portugal: Comendador da Ordem do Condor, do Chile.

Faleceu aos 21 de abril de 1934, em Petrópolis.

Notas de um repórter . *Wilson FRADE*

Govêrno desmente

O GOVERNO DE WILLY BRANDT desmentiu a notícia, veiculada, por sinal, por agências estrangeiras, de que teria recorrido ao govêrno norte-americano no sentido de ajudar a encontrar o embaixador Holleben, seqüestrado. Ainda bem que o desmentido veio. A notícia partiu da própria Alemanha, via teletipo.

Drink na noite

O GOETHE INSTITUT e a Sociedade Cultural Tento-Brasileira homenagearam, ontem, com um coquetel, em sua sede à avenida Carandaí, o sr. e sra. Karl Wagner, que se transferem de Belo Horizonte. Segunda-feira o sr. e sra. Von Smigay homenagearam o casal Wagner com um coquetel às 20h no Del Rey.

Carrinho no society

EM RECENTE GARDEN PARTY realizado em Madri, a atriz Pepa, "La Polaca" chegou à festa fantasiada de Zingara, conduzindo um carrinho de transportar material de construção carregado de flores. A senhora Nini Montian, uma velhusca do society, chegou vestida de texana e quando entrou nos jardins puxou um revólver e deu um tiro para o ar provocando calafrios nas mulheres presentes. Isto é a Europa 70.

Jararaca e Ratinho

A BOA PEDIDA de hoje é a Festa Junina do Pampulha Iate Clube, que juntamente com a do Country é das melhores dêste mês tão frio, que estranhamente êste ano não está tão frio assim.

Bahia do vatapá

A FILIAL DO BANCO ECONÔMICO DA BAHIA será inaugurada em setembro naquela loja da rua Espírito Santo, defronte ao Banco Mineiro onde, durante tantos anos, os Ferreti venderam guarda-chuvas. Está sendo decorada de acôrdo com projeto elaborado por Orbon Carvalho, e dizem que ficará uma beleza. O Banco em questão alugou também os quatro andares. No último, pretende montar a Casa da Bahia, com restaurante típico, sala de exposições e de artesanato baiano. Instalar-se-á, também, no prédio, a Aliança da Bahia, seguradora pertencente ao grupo do Banco Econômico. O superintendente será o sr. Wilson Peixoto, que já está aqui acompanhando as obras.

O general acertou

O GENERAL MUNIZ ARAGÃO, Diretor do Departamento de Ensino do Exército, esteve em Belo Horizonte inspeccionando as unidades que lhe são subordinadas e assistiu ao jôgo Brasil x Uruguai, em companhia do coronel Carlos de Aiencar, na casa do sr. e sra. Lamartine Godoy. O general acertou no bôlo que foi feito pela palpitou 2x1.

Vultosa transação

O GRUPO BENZION LEVY acaba de comprar o terreno, (um quarteirão) onde se localiza o Sanatório Belo Horizonte. São 28 lotes. Vendeu-o o IBAP, e, a Administradora Excelsior foi a intermediária da transação, que girou em tôrno de 4 bilhões. O sr. Benzion Levy ainda não tem planos para o terreno. Por enquanto permitiu a uma firma explorar, ali, por um ano, um Parque de Diversões.

VILELA CEZAR foi ao Rio, ontem, a convite da direção geral dos Diários Associados, representar Minas no júri que escolheu Miss Brasil de 1970.

QUEM PROJETOU e executa os jardins da bonita residência que o sr. João Messias Marques (Bracinval e Bracinvest) na Pampulha, é o conhecido Joaquim Rocha.

Israel dá escore

O GOVERNADOR ISRAEL PINHEIRO assistiu ao jôgo contra o Uruguai, com uma tremenda torcida para Tostão, e depois continuou com o rádio ligado para a decisão Alemanha X Itália, com algum favoritismo para a Alemanha. Mas considera que tanto com um como com o outro, a vitória do Brasil no domingo será fácil.

Dona Coracy, também

E, ARRISCA O SEU PALPITE: 2 a 0, para o Brasil com mais uma torcida que Tostão faça o gol de honra de honra. Vilella Dona Coracy Pinheiro, acha fácil a vitória do Brasil por 2 a 0 ou 3 a 1.

Peru

NELSON CUNHA sòmente seguirá para o Peru na segunda feira. Marilene fica no Rio, espera por Nelson e retornam juntos a BH. *** HINDEMBURGO PEREIRA DINIZ já marcou em sua agenda para os próximos 15 dias, encontros com os ministros das Minas e Energias e Fazenda; isto já na condição de presidentes da ABDE, para assuntos ligados aos bancos de desenvolvimento...

Será?

O GOVERNADOR, ao receber a missão de industriais japonêses da Marubeni, blagueou: "Há dois anos estou indo ao Japão no próximo mês, mas desta vez vou e vou mesmo". Citou setembro, aproveitando o fim da Expo-70, e as últimas flôres de cerejeira.

O gigante

DIMENSOES DO FUTURO: o pilôto de um boeing 747, em sua cabine de comando disto do chão como uma pessoa da janela de um prédio de 3 andares... A INAUGURAÇÃO, ontem, do Parque Rodoviário da Viação Itapemerim, uma das maiores empêsas de ônibus do País, mostrou um sistema de lavagem de seus imensos veículos que leva 40 segundos, nenhum emprego de operários, apenas com sistema de células foto-elétricas.

O inverno

DONA CORACY enfrentando um problema no SERVAS: as filas de gente pedindo agasalhos e cobertores. A Primeira Dama trocou estas doações anuais nos meses de frio, aplicando a verba do SERVAS nos centros comunitários de várias vilas, onde homens e mulheres são preparados e recuperados para diversas profissões, trocando a mendicância por mão de obra disponível e um ofício certo. Centenas de pedintes de invernos passados hoje trabalham.

Outra exposição

LOTHAR CHAROUX e sr. já estão em BH Segunda-feira na AMI Lothar inaugura sua exposição apresentada pelo crítico paulista Paulo Mendes de Almeida. Morgan Mota coordenou a exposição dêste premiado artista que, no último Salão da Prefeitura, recebeu láureas pelo seu conjunto de obras.

Agora, idéias

MURILO BADARÓ marcou para o dia 3 de julho, sua noite de autógrafos na AMI. Lança, editado pela G. Holman Santos. "Reforma e Revolução." As idéias dêste jovem político mineiro em pauta para debates... MURILO RUBIÃO finalizando a coleta de dados para lançar dia 18 mais um Suplemento Especial do Minas Gerais. Desta vez o focalizado é Bernardo Guimarães, sua vida e obra.

Israel Pinheiro e Sebastião Santana (Foto de Góes).

Será a solução?

A MASSARI, firma paulista dona do Know How de patentes internacionais para tornar um carro comum num verdadeiro couraçado a prova de balas, está sendo consultada para a viabilidade da produção em grande escala de matéria necessária para "blindar" carros nacionais do Volks ao Galaxie. O "couraçamento" (termo usado), duplica o pêso do carro não alterando sua conformação exterior. A Massari já "encouraçou" vários carros para as fôrças armadas. Também o preço de um carro-fortaleza duplica. Sòmente um pneu a prova de bala custa 1.000 cruzeiros. Com a onda de terrorismo, governos estaduais, diplomatas etc... vão recorrer, a conselho do govêrno, aos carros blindados.

Afronta ao Reino

O BEATLE JOHN LENNON, advertido pelas autoridades britânicas. Uma foto de sua mulher Yoko Ono, publicada numa revista americana, mostrou-a usando, entre vários colares e medalhões, a condecoração da Rainha Elizabeth. Isto está sendo comentado como um sério insulto ao império britânico. Yoko afirma que é realmente um medalhão parecido e igualzinho pela foto, mas não é o "crachat" real. Inquérito, e se fôr verdade, John Lennon sofrerá sérias sanções.

O lixo

SOUSA LIMA finalmente abriu concorrência pública para a coleta de lixo de Belo Horizonte, até o momento, precário. Em muitas capitais e cidades do mundo esta coleta é disputada por particulares que, industrializando o lixo, faturam os tubos e mantêm as cidades limpas. Por que não o mesmo por aqui?

Futebol

PAULO CAMILO e Teresinha de Oliveira Pena recebem hoje um grupo informal para um almôço oferecido ao jornalista José Mauricio, em sua pérgula... ESTERGILDA MENICUCCI entrando em nova fase: semi-surrealismo mesclado de expressionismo... UM GRUPO conhecido da sociedade reune-se amanhã chez Dedé e Chico Longo para o jôgo Brasil x Itália... JÁ REALIDADE a Fundação João Pinheiro. Já saiu publicado no "Minas Gerais" o ato do governador autorizando a sua incorporação.

Redução de depósitos

O PRESIDENTE da Federação do Comércio, Exaltino Marques Andrade, está no Rio, convocado pelo ministro Delfim Neto, da Fazenda, para discutir junto com o Banco Central a redução dos depósitos compulsórios bancários para Minas Gerais. A redução proposta pelo presidente da FCMG é de 27% para 18%, ao nível dos Estados do Nordeste do País.

Ministro apóia

PARA Exaltino Marques Andrade, por se tratar de um Estado tão pobre quanto o Nordeste, Minas Gerais tem direito a tratamento especial, inclusive com relação aos compulsórios. E neste ponto êle tem o apoio do ministro Reis Velloso, que aqui estêve recentemente durante a Semana da Indústria.

Aquela luta

OS JUIZES MINEIROS querem um aumento de salários de 30%. Atendendo a um apêlo do presidente do Tribunal de Justiça, sr. Gentil Guilherme de Faria, os magistrados estão dando um nôvo voto de confiança a Israel Pinheiro, que se comprometeu, perante uma comissão de desembargadores, a resolver definitivamente, em julho, o problema de remuneração da classe. Dizem os juizes que, no Mato Grosso, um juiz iniciante recebe 2.800 cruzeiros, enquanto em Minas, no final de carreira, 1.200. E, para nossos magistrados, trabalhar no Forum Lafayette significa final de carreira...

A nova Assembléia

ONDA NA CIDADE, para crianças, que rapazes e adultos tomaram cônta: os brinquedos eletrônicos ali na Praça da Savassi... O DEPUTADO HOMERO SANTOS declarou que espera fazer a eleição do futuro governador já no nôvo prédio da Assembléia, em Santo Agostinho. Já pediu a Luiz Cláudio Almeida Magalhães a liberação de 600.000 cruzeiros, de um total de 2.400.000 que serão liberados até outubro, e possibilitarão o término de pelo menos 50% da monumental e luxuosa obra... O CENTENÁRIO de Alpinoaus Guimarães será solenemente comemorado a 24 de julho, em Ouro Prêto, conforme desejo manifesto do governador do Estado.

Final de coluna

ALGUMAS revistas européias mostram, em acontecimentos sociais, celebridades femininas fumando charutos, sem outro comentário. Já é moda. No Rio, algumas colunistas já noticiaram Teresa de Souza Campos, na mesma onda. No entanto, a primeira mulher á fumar um charuto [illegible] foi a imperatriz Eugênia de Montijo, da França. O escândalo afetou Napoleão III, que guardou os charutos da imperatriz com um manuscrito: "Quase perdi meu trono por causa de um charuto." Essa caixa de prata e ouro, com 3 "havanas" e o escrito, foi parar nas mãos de um colecionador inglês e anteontem seus descendentes venderam-na por 3.000 dólares para o sr. Hugh Heffner, dono da revista "Play-Boy".

20-6-1970